

Atividades coletivas e criativas no cotidiano do enfermeiro hospitalar

Collective and creative activities in hospital nurses routine

Marilei de Melo Tavares^{†*}, Antônio Marcos Tosoli Gomes[‡], Cláudia Mara de Melo Tavares[§], Sérgio Donha Yarid^{||}, Marcos Alex Mendes da Silva^o, Joanir Pereira Passos[□]

Como citar esse artigo. Tavares, MMT; Gomes, AMT; Tavares, CMM; Yarid, SD; da Silva, MAM; Passos, JP. Atividades coletivas e criativas no cotidiano do enfermeiro hospitalar. Revista Mosaico. 2019 Jul./Dez.; 10 (2): 38-43

Nota de Editora

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

O estudo teve como objetivos descrever o processo de trabalho do enfermeiro em um hospital universitário e analisar a potência criativa presente nas atividades cotidianas do trabalho como fonte de novas formas de agir profissional. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, baseado no método de autoconfrontação proposto por Ivis Clot. Os dados foram obtidos por meio de técnicas de trabalho em grupo através de oficinas com 8 enfermeiros de um hospital universitário. Os resultados apontam que o cotidiano do trabalho do enfermeiro hospitalar contém riquezas de elementos criativos e imaginativos, que ultrapassam os limites da rotina. Modifica-se e cria-se algo novo cotidianamente, o que favorece a constante transformação do seu agir profissional. Conclui-se que o trabalho produzido pelos enfermeiros no cotidiano hospitalar dá-se com base em um plano de ação elaborado individualmente pelos enfermeiros e que se desconfigura/reconfigura em função das múltiplas demandas organizacionais e de falhas no processo de trabalho estabelecido em outros setores do hospital.

Palavras-chave: Enfermagem, Atividades Cotidianas, Saúde do Trabalhador, Hospital.

Abstract

The study aimed to describe the work process of nurses in a university hospital and to analyze the creative power present in daily work activities as a source of new ways of acting professionally. This is a qualitative study based on the self-confrontation method proposed by Ivis Clot. Data were obtained through group work techniques through workshops with 8 nurses from a university hospital. The results indicate that the daily work of hospital nurses contains riches of creative and imaginative elements that go beyond the limits of routine. It changes and creates something new on a daily basis, which favors the constant transformation of its professional action. It is concluded that the work produced by nurses in daily hospital life is based on an action plan prepared individually by nurses and that is deconfigured/reconfigured due to the multiple organizational demands and failures in the work process established in other sectors of the hospital.

Keywords: Nursing, Daily activities, Worker's health, Hospital.

Introdução

O trabalho em Enfermagem é mediado pela interação e comunicação em seu exercício cotidiano, constituindo-se como processo humano essencialmente intersubjetivo. Nesta perspectiva destaca-se a importância de se empreender esforços para compreender as relações profissionais, engendrando formas criativas para potencializar o trabalho dos enfermeiros.

O foco na dimensão do trabalho do enfermeiro têm repercussões, não apenas para a qualidade da assistência aos pacientes e familiares em serviços onde está implicado o cuidado, como também para a saúde

mental dos trabalhadores de enfermagem que lutam por um trabalho significativo e ético, em um contexto de reestruturação e precarização do trabalho.

O fazer cotidiano dos enfermeiros, sempre marcado com uma sobrecarga de trabalho é, muitas vezes compreendido como problema decorrente de interações baseada em poder, agir excessivamente protocolar e até mesmo processos transferências marcados pelo sentimento de culpa levando ao esgotamento e estresse (BETANCUR et al., 2016).

O cotidiano de Enfermagem representa interfaces da vida comum, lugar de compartilhamento entre indivíduos, grupos e instituições que mantêm entre si relações permanentes de cooperação e conflitos. O

Afiliação dos autores: † Professora Adjunto, Universidade de Vassouras, RJ, Brasil.

‡ Professor Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

§ Professor Titular, Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil.

|| Professor Titular, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA, Brasil.

o Professora Adjunto, Universidade de Vassouras, RJ, Brasil.

□ Professor Titular, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

* Email de correspondência: marileimts@hotmail.com

reconhecimento do seu próprio cotidiano de trabalho na Enfermagem relaciona-se à realização de um pensamento reflexivo das ações realizadas rotineiramente (SANTOS *et al.*, 2014).

O trabalhador da Saúde convive com uma forte fragmentação do trabalho, resultado da histórica divisão social e técnica, está submetido à indiferença de profissionais em relação a eles, trabalhadores e, ainda, pode ter se habituado às definições sem nenhuma chance de participação (BOMFIM; GOULART; OLIVEIRA, 2014).

Entretanto, o trabalho também é percebido como o lugar de um problema e requer, sobretudo, o uso de si, o que pressupõe o uso e não a mera execução da atividade laborativa, convocando o sujeito com capacidades muito além de enumerá-las pela tarefa que lhe cabe. Desta forma, o trabalho põe em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si anuído e comprometido por si mesmo (DE FREITAS CAMPOS; DA COSTA MELO, TELLES FILHO, 2015).

O sofrimento mental aparece como intermediário necessário à submissão do corpo. Ainda, a desorganização dos investimentos afetivos provocada pela organização do trabalho pode colocar em perigo o equilíbrio mental dos trabalhadores (DEJOURS, 1992, p. 96). O trabalho repetitivo cria a insatisfação, não se limitando apenas a um desgosto particular. De certa forma, é uma porta de entrada para a doença, descompensações mentais (DEJOURS, 2000, p. 77). Portanto, é um sinal de que é preciso implementar mudanças no cenário de prática, contudo essas mudanças ocasionam impactos na vida do trabalhador.

A análise ergonômica e psicológica do trabalho feitas a partir da Clínica da Atividade (SOUZA *et al.*, 2017), que propõe estudar e experimentar a função psicológica do coletivo em situação de trabalho. Busca manter ou restaurar a vitalidade dialógica do social pela análise do trabalho, propondo uma subjetividade potencial. Para o autor, o desenvolvimento do poder de agir em situação de trabalho corresponde a atividade, é heterogêneo, aumenta ou diminui em função da alternância da ação que se opera no dinamismo da atividade e eficácia. É também criatividade o que se chama na linguagem cuidado e realização de trabalho bem feito, possível de “[...] reconhecer-se individual e coletivamente, sintonizado com uma história profissional que se persegue e pela qual cada um se sente responsável” (CLOT, 2007, p. 15).

O sentido da atividade transforma-se no prolongamento da ação profissional comprometida com a imaginação, afetos e ambições profissionais e colorido com emoções. A atividade profissional, por convocar sem cerimônia a eficácia da ação, questiona os limites de intensificação vital da atividade, indispensável para explicar a inovação e criatividade. O sujeito é o centro da alternância funcional que opõe o poder de agir a ele

mesmo, incorpora e integra sua atividade. É capaz de transformar seu organismo fisiológico, [...] à sua revelia, em um corpo próprio vivido, verdadeiro órgão funcional de sua atividade” (CLOT, 2007, p.19) tornando não só objeto de sua atividade, mas constituindo instrumento de sua vitalidade. Contudo, no decorrer do tempo, o desenvolvimento do poder de agir modifica, pois nunca está sozinho diante o mundo de objetos que o rodeia. O sujeito constrói seus instrumentos, na atividade mediatizada fonte de ligações renováveis, além de se reconstruir produzindo assim um mundo para viver.

Ao promover cuidado em ambiente hospitalar, há necessidade de se incluir as dimensões da subjetividade do paciente – psíquicas, familiares, culturais e sociais –, sobretudo as dos profissionais devem ser consideradas. Assim, tais dimensões significativas permitirão oferecer aos enfermeiros melhores condições para enfrentar o desgaste provocado pelo constante contato com a dor, com o sofrimento, com os limites e as dificuldades na realização do seu trabalho. Respeitar aspectos subjetivos existentes na atividade profissional constitui uma proteção à saúde, o que permite ao profissional agir de modo menos defensivo, mais espontâneo e próximo às suas carências e às dos pacientes.

Desta forma, o cotidiano hospitalar requisita do enfermeiro um agir comprometido, com ações objetivas e subjetivas, que carece sensibilidade para mediar conflitos, dilemas e sobretudo sofrimento (TAVARES *et al.*, 2018).

O poder de agir do trabalhador se conquista na coletividade, junto aos objetos que os reúnem ou dividem no trabalho. Neste processo, cada sujeito desata e volta a atar, de maneira única, vínculos estabelecidos nas atividades. A subjetividade é “[...] o poder de ser afetado que, em maior ou menor grau, está à disposição de cada um em função de sua história singular” (CLOT, 2007, p.31). O desenvolvimento do poder de agir, pode desencadear uma crise de desequilíbrios laboriosamente adquirido, para tanto é imprescindível que disponha de plasticidade subjetiva.

Para compreender a atividade como estratégia de escuta crítico-sensível visando a reorientação da gestão do trabalho dos enfermeiros, nos valem de uma perspectiva metodológica de pesquisa que articula investigação e intervenção em diálogo com enfermeiros, a partir do relato em grupo de situações cotidianas de trabalho que permitem delinear a subjetividade – produto da atividade, estando os enfermeiros afetados em função de sua história singular, sendo a transformação pressuposta pela expressão das emoções e representações mentais, co-relação entre intelecto e sentimento – visando à sua potencialização por meio da confrontação grupal, conforme pressupõe a metodologia da Clínica da Atividade (CLOT, 2010; CLOT, 2007).

O presente estudo teve como objetivos descrever o processo de trabalho do enfermeiro em um hospital

universitário e analisar a potência criativa presente nas atividades cotidianas do trabalho como fonte de novas formas de agir profissional. Compreende-se que, estando os profissionais de saúde mais satisfeitos em seu ambiente de trabalho, produzirão melhores cuidados de si, o que também contribui para a qualidade dos cuidados prestados à comunidade.

Metodologia

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que propõe desde o ponto de partida da pesquisa - um deslocamento do papel de protagonista da investigação do pesquisador para o trabalhador - sujeito do estudo. A técnica ou dispositivo principal utilizado como forma de intervenção/produção de dados na pesquisa é denominado autoconfrontação (SOUZA et al., 2017; CLOT, 2006). O método integra diferentes fases, em que os trabalhadores protagonistas das situações em análise, em princípio, seriam, sucessivamente, confrontados com a sua atividade e posteriormente com a atividade dos outros (TEIXEIRA; BARROS, 2009).

A metodologia da Clínica da Atividade busca, dar maior intensidade à controvérsia por meio do diálogo produzido em grupo. Desta forma, as oficinas constituíram-se lugar de diálogo, confrontação, produção de subjetividade e transformação (SOUTO; LIMA; OSÓRIO, 2015).

Participaram do estudo oito enfermeiros em exercício profissional em hospital universitário nos seguintes setores - Gestão; UTI Neonatal; CTI; Clínica Médica Masculina; Hematologia e Hemodiálise. A adesão à pesquisa foi voluntária e orientada pela Chefia Geral de Enfermagem, afim de não atrapalhar o funcionamento do serviço. O cenário de realização da pesquisa foi o Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), situado na cidade de Niterói.

A coleta dos dados ocorreu em 2017 por meio da realização de grupos focais, sendo que a realização de oficinas de educação permanente, constituíram dispositivo para produção e análise de dados no presente estudo.

Na 1ª oficina, por meio de uso de objetos inusitados - deu-se as seguintes etapas: apresentação e acolhimento; relaxamento e enunciação do tema gerador; dinâmica dos objetos; formação de subgrupos por padrão - atividade; trabalho em grupo; socialização; avaliação; explicação da encomenda para a próxima oficina.

Na 2ª oficina desenvolveu-se a autoconfrontação a partir das seguintes etapas: acolhimento; devolutiva; dinâmica das fotos - autoconfrontação mosaico coletivo, o poder de agir; avaliação.

A análise foi realizada por meio da técnica de

impregnação e da identificação de núcleos temáticos interpretados com base em fluxos analíticos do quadro teórico.

Para leitura da atividade de trabalho como processo de produção de subjetividades, foi necessário recorrer a uma ferramenta teórica que nos ajudasse a apontar caminhos relacionados ao processo de trabalho de Enfermagem Hospitalar, mas enquanto um processo coletivo, singular e criativo.

Os dados foram analisados com base no Método e Teoria da Clínica da Atividade (SOUZA et al., 2017; CLOT, 2006), o qual evidencia a importância de se dar atenção à subjetividade no trabalho, meio fundamental para levar a uma revisão do conceito de atividade. Para o autor, o significado de trabalho como atividade não pode ser definido como uma atividade qualquer entre outras, tendo como papel essencial exercer na vida pessoal uma função psicológica específica em virtude de ser ele uma atividade dirigida.

A análise empreendida buscou compreender os sentidos mais gerais atribuídos pelo enfermeiro ao seu agir profissional/gênero no ambiente hospitalar. Buscou-se por meio de objetos inusitados promover a expressão de conteúdos silenciados e subjetivamente vivenciados no cotidiano do trabalho hospitalar.

Em respeito aos aspectos éticos da pesquisa, o projeto de pesquisa que originou o estudo teve sua aprovação Comitê de Ética em Pesquisa da UFF - CAAE: 52869316.0.3001.5243 / Número do Parecer: 1.603.307.

Resultados e discussão

Os dados obtidos foram organizados nas seguintes categorias de análise: grupo agindo em muitas direções; uma visão estética do agir profissional e mosaico de autoconfrontação.

Grupo agindo em muitas direções

Buscando favorecer o conhecimento das potências individuais presentes no grupo, solicitou-se que os enfermeiros buscassem um símbolo de identificação para sua apresentação no grupo.

Em vez de se criarem artificialmente situações experimentais para neutralizar o máximo as variáveis indesejáveis, propôs-se abrir a porta para emergência dos possíveis (CLOT, 2007).

Símbolos e seus sentidos apresentados pelos participantes no primeiro momento em que houve o favorecimento para estimular a relação dialógica entre o grupo.

Cada membro do grupo, ao apresentar sua potência, revela um aspecto comum - a direção ou perspectiva profissional. Com base nos símbolos

apresentados, podemos inferir que o grupo caminha em muitas direções. Compreendemos que: “Alvo” movimenta-se para o centro; “Espiral 1” para um ponto móvel ora se afastando, ora se aproximando do objetivo; “Pomba” movimenta-se entre dois mundos, acessando o campo emocional e relacional; “Natureza” em direção ao cosmo; “Espiral 2” para um ponto móvel; “Sol” expansivamente para fora; “Coração” para dentro e “Plantinha” para cima.

Muito embora os dados tenham sido obtidos a partir de uma atividade inicial de apresentação do grupo, em que os enfermeiros estavam à vontade, sem que tivessem tido uma provocação ou direção, ou seja, tinham liberdade para escolher e falar, foi possível identificar aspectos implícitos das diferentes atividades que compõem o trabalho da enfermagem. Tanto nos símbolos como nos sentidos atribuídos pelos enfermeiros, houve, de certa forma, uma liberdade de criação, - potenciais subjetivos - produções discursivas (CLOT, 2007, p. 138), em que os sujeitos, ao se confrontarem consigo mesmo, superam os limites impostos habitualmente pelo meio social e por si mesmo.

No cotidiano hospitalar há necessidade de se atentar não só para as necessidades do paciente, mas também para as necessidades de cuidado do próprio cuidador (TAVARES *et al.*, 2018).

O cotidiano apresenta-se ligado ao habitual, de atividades da Enfermagem nos diversos *locus* de atuação dos profissionais, nas diversas maneiras do cuidar em Enfermagem no dia a dia, inclusive no silenciamento de práticas que ocorrem nesse espaço de interação, bem como a criatividade utilizando o que tem disponível. O cotidiano da Enfermagem apresenta nuances específicas, mas sendo possível identificar rotinas e variações entre o que se espera desses profissionais e o que realmente é possível que eles executem perante as limitações enfrentadas no dia a dia do trabalho na área da Saúde (BOMFIM; GOULART; OLIVEIRA, 2014).

A literatura aponta que trabalhar é gerenciar demandas não estereotipadas e padronizadas em um processo onde os trabalhadores recriam a si mesmo, no curso da atividade, na relação com os modos operatórios e com instrumentos de trabalho. Gestão de trabalho e gestão de si operam na atividade, presentes como possibilidade de trabalho, trazendo a cena os percursos da inventividade humana relacionados aos modos operatórios determinados, podendo ainda viabilizar inventividade no plano das formas de individualização que amarram o trabalhador (AMADOR, 2011).

Uma visão estética do agir profissional

Ao recorrermos a uma dinâmica utilizando objetos aleatórios buscamos provocar o imaginário dos enfermeiros abordando questões sobre o trabalho,

a partir de objetos lúdicos. A prática do sujeito não é apenas um efeito das condições externas, muito menos uma resposta apenas a essas condições, nem tampouco a atividade psíquica é a reprodução interna de tais condições. Para tanto, a atividade dos sujeitos no trabalho implica a metamorfose desse contexto, subordinando a si o contexto. Assim, o objeto da atividade do sujeito é essa subordinação, que transforma qualquer coisa não só em um objeto social, mas simultaneamente em um objeto psicológico. Assim, a existência da atividade em um contexto só é possível ao produzir um contexto para existir. A atividade está submetida a prova prática de objetos ou de relações com o outro que lhe resistem, que a desviam e a afetam de um modo ou de outro (CLOT, 2007, p. 8).

O trabalho no cenário hospitalar é representado pelos enfermeiros a partir de alguns objetos escolhidos aleatoriamente, mas que revelam em conjunto uma perspectiva estética.

Para que pudéssemos identificar e compreender o trabalho, que dá sentido e orienta a ação do trabalhador – sujeito da situação, mas considerando-o também como criativo, onde esta ação do trabalhador não está diretamente relacionada ao objeto, mas nas contradições na estrutura de atividades que respondem umas às outras através dele e que ele trai (SOUZA *et al.*, 2017, p.100).

Importante entender o que mobiliza o enfermeiro a realizar seu trabalho no hospital, mas do jeito que faz. A partir da identificação dos objetos inusitados dispostos durante a dinâmica, relacionando aos desafios enfrentados em seu trabalho. Após a identificação dos objetos, com vistas nas lembranças ou imaginação que lhe ocorreram ao palpar o objeto, a fim de despertar a imaginação criadora, a partir do que vive e sente naquele momento, para então correlacionar à sua prática cotidiana.

O cotidiano do trabalho do enfermeiro hospitalar contém riquezas de elementos criativos e imaginativos, que ultrapassam os limites da rotina. Modifica-se e cria-se algo novo cotidianamente, o que favorece a constante transformação do seu agir profissional. A própria combinação de riqueza de elementos presentes em seu cenário de prática, representa algo novo. O enfermeiro não é um simples reproduzidor, ou realizador de tarefas, ao contrário, as suas ações da prática cotidiana são potencializadora e favorecedora ao surgimento de pequenas invenções. Neste sentido, a atividade proposta pelo autor relaciona-se com a criação, tendo como princípio a capacidade de combinar elementos antigos de novas maneiras. O conceito de atividade está intrinsecamente relacionado a criação e intimamente à imaginação (CLOT, 2008).

A partir do dispositivo “objetos inusitados”, buscou-se disparar e potencializar o diálogo sobre a atividade, como é proposto pela Clínica da Atividade. Desta forma, ao participarem da oficina com os objetos

inusitados, os enfermeiros são convidados e levados a fazer uma identificação utilizando outro sentido que não a visão, o tato. Recorrendo, para tanto, a um recurso disponível, a imaginação, pois mantêm-se de olhos fechados, como forma de ver o mundo dos objetos em uma outra dimensão. O desconhecido e escondido desperta sua curiosidade e capacidade imaginativa, para tentar reconhecer, aquilo que lhe é tão familiar – os objetos e as cores. E é justamente a imaginação que permite criar e recriar, pois sem ela não poderíamos nada dizer e, não poderíamos também nada saber (CASTORIADIS, 1982).

Na atividade criadora – imaginação, há um sentido que permite aprender as formas da realidade, e gravar as variadas imagens existentes; a isso acrescenta-se uma memória capaz de conservar a lembrança do colorido mundo das imagens multiformes. A imaginação criadora foi nomeada por de ‘fantasia’, onde o homem retém aquilo que lhe interessa (HEGEL, 1996).

A relação que o sujeito estabelece com o objeto nunca é um monólogo, o próprio objeto é transbordante da vitalidade dialógica do social, incluindo os antagonismos de interesse. Isso ocorre por que o objeto é um objeto-vínculo, desde sempre ligado ou desligado (CLOT, 2008, p. 26).

A forma encontrada pelos enfermeiros para representar sua imaginação, a partir dos objetos selecionados durante a dinâmica, permitiu que entrassem em contato com realidades existentes. Pode ser percebida a partir da relação que estabelecem entre o objeto selecionado e seu trabalho.

A própria matéria de análise do trabalho são as metamorfoses da atividade, ao longo do tempo incluindo as metamorfoses que essa análise provoca. A experiência mostra que não deve ter aflição de atribuir uma significação a situações (SOUZA et al., 2017).

Mosaico - Autoconfrontação

Os resultados focalizam a relação entre trabalho e a subjetividade centrada nas atividades realizadas pelo enfermeiro no cenário hospitalar. A atividade realizada, é sempre um conflito entre várias atividades possíveis. Ao desempenhar uma atividade, conflitos reais entre o que se faz e tudo aquilo que não se faz vêm à tona, conforme podemos observar nos depoimentos que se seguem. Aqui, as atividades analisadas são narradas pelo próprio enfermeiro, que se confronta por meio do registro fotográfico com o cotidiano da atividade e por meio da autoconfrontação grupal com o real da atividade (CLOT, 2010).

Diferentes sentidos de atividade apreendidos pelos enfermeiros no seu cotidiano de trabalho no HUAP a partir da autoconfrontação realizada durante a segunda oficina proposta aos enfermeiros do HUAP.

Observou-se a ampliação de sentido da atividade profissional por meio da autoconfrontação cruzada. Em alguns casos, o grupo reafirmou o sentido elaborado pelo sujeito, em outros se constatou-se uma oposição de sentidos entre os participantes, mostrando que por meio da experimentação realizada os participantes se afetam mutuamente. Pode-se assim confirmar que é na ampliação do perímetro da atividade dialógica que o sujeito encontrará recursos para uma nova extensão do seu poder de agir (CLOT, 2007).

A experimentação propiciou a produção de subjetividades, potencializando os sujeitos que dela participam. Ao mesmo tempo em que liberta, gera compromissos, engendrados por um movimento de descoberta e autoconhecimento. Auxilia o fluxo das capacidades emocionais, afetivas, imaginativas e intuitivas, favorecendo a invenção de modos de convívio e encontro dos corpos, promovendo criação. O que permite ao sujeito movimentar-se, sair do lugar de sempre, da rotina, podendo experimentar outra posição e ver o mundo em outra perspectiva, inventando novos modos de agir (TAVARES, 2016).

Utilizar estratégias que envolvem criatividade favorece a reflexão de problemas apresentados no dia-a-dia. O uso do jogo dramático/teatro possibilita ao enfermeiro refletir sobre as atividades realizadas no cotidiano, bem como sobre o seu corpo. Ainda, é capaz de influenciar a coletividade, a medida que favorece ao diálogo por meio da leitura corporal, no cuidado com o outro e no cuidado de si. Ao utilizar a criatividade em uma situação de comunicação, além de transmitir uma mensagem intencional, também mobiliza a natureza pessoal do profissional. O uso de estratégias, lúdicas, criativas imaginativas pela Enfermagem favorece tanto a reflexão sobre o próprio cotidiano do cuidar, bem como a auto avaliação do enfermeiro (DA SILVA; FIGUEIREDO, 2013).

Os mosaicos foram construídos a partir das imagens disponibilizadas pelos participantes, seguidos de uma parte dos diálogos que serviram de disparador para a autoconfrontação das atividades realizadas pelo enfermeiro no espaço hospitalar. Após discussão o grupo elegeu cinco imagens: toque, burocracia, chave, relógio, grupo.

Considerações finais

O estudo buscou proporcionar uma compreensão do trabalho produzido pelos enfermeiros cotidianamente no contexto hospitalar como fonte de criação de novas formas de agir, tendo seu alcance, à medida que observaram-se os processos subjetivos, criativos e movimentos às vezes dialógicos outras vezes conflituosos e contraditórios presentes nas atividades desenvolvidas pelos enfermeiros no contexto do hospital universitário

e no conjunto do seu agir profissional.

Verificou-se a partir do material analisado, que o trabalho produzido pelos enfermeiros no cotidiano hospitalar dá-se com base em um plano de ação elaborado individualmente pelos enfermeiros e que se desconfigura/reconfigura em função das múltiplas demandas organizacionais e de falhas no processo de trabalho estabelecido em outros setores do hospital.

Em síntese, a análise apresentada destaca alguns aspectos que ainda necessitam de investigação como, por exemplo, o agir profissional do enfermeiro do hospital universitário no processo de formação dos novos profissionais e na educação permanente.

Referências

AMADOR, Fernanda Spanier. Techno-Poetic analithic devices of activity a contribution to the clinic of work. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 358-373, 2011.

BETANCUR, Martha Adiola Lopera et al. The daily work of nurse means bear the burden/El quehacer cotidiano de la enfermera significa soportar la carga/O trabalho cotidiano da enfermeira significa suportar a carga. **Revista Cuidarte**, v. 7, n. 2, p. 1262-1271, 2016.

BOMFIM, Maria Inês; GOULART, Valéria Morgana Penzin; OLIVEIRA, Lêda Zorayde de. Formação docente na área da saúde: avaliação, questões e tensões. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 749-758, 2014.

CAMPOS, Luciana de Freitas; COSTA MELO, Marcia Regina Antonietto da Costa; TELLES FILHO, Paulo Celso Prado. Ergologia como referencial teórico: possibilidades para assistência e pesquisa em enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v.4, n.2, p. 1222-1228, 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**, tradução de Guy Reynaud. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 2007.

CLOT, Yves. A Clínica da Atividade: uma metodologia de intervenção no trabalho como atividade coletiva e dialógica. **Notas de Aula - Curso**. Niterói: UFF, 2007.

_____. **Curso sobre Clínica da Atividade**. Ministrado por Yves Clot, na Unicamp, em maio de 2006.

_____. La recherche fondamentale de terrain: une troisième voie. **Éducation Permanente**, v.177, p. 67-78, 2008.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: FabreFactum, 2010. 368p.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da Injustiça Social**. 4ªed. Rio de Janeiro: FGV Editora, p.127-145, 2000.

_____. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

HEGEL, GWF. **Curso de estética: o belo na arte/ Georg Wilhelm Friedrich Hegel**; tradução Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, D. S. et al. What is really important to think about everyday life in nursing?: an integrative review. **Rev Enferm UFPE on line [Internet]**, v. 8, n. 10, p. 3502-3515, 2014.

SILVA, Paulo Sérgio da; DE FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida da. Art and health: reflections for nursing education from the theatrical perspective. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 7, n. 12, p. 7200-08, 2013.

SOUTO, Alice Paiva; LIMA, Karla Maria Neves Memória; OSÓRIO, Cláudia. Reflexões sobre a metodologia da clínica da atividade: diálogo e criação no meio de trabalho. **Laboreal**, v. 11, n. 1, p. 11-22, 2015.

SOUZA, Marilei de Melo Tavares; TAVARES, Claudia Mara de Melo; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; PASSOS, Joanir Pereira. **A Clínica da Atividade e o prazer no trabalho do enfermeiro no contexto hospitalar**. 2º. Seminário Nacional sobre Saúde e Trabalho, USP, Ribeirão Preto. 2017; 1(1):135-135.

TAVARES, Claudia Mara de Melo. Como desenvolver experimentações estéticas para produção de dados na pesquisa sociopoética e abordagens afins? **Revista Pró-UniverSUS**, v.7, n.3, p.26-31, 2016.

TAVARES, Marilei de Melo et al. Spirituality and Religiosity in the daily routine of hospital nursing. **J Nurs UFPE on line**, v. 12, n. 4, p. 1097-1102, 2018.

TEIXEIRA, Danielle Vasconcelos; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Clinic of activity and cartography: constructing methodologies for analysis of the work. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 81-90, 2009.